



APRESENTAÇÃO DA 40ª EDIÇÃO DA TRAVESSIAS: DOSSIÊ: À MARGEM: RESISTÊNCIAS E REEXISTÊNCIAS NA LITERATURA BRASILEIRA

O presente dossiê agrega de forma plural trabalhos sobre a literatura brasileira e lusófona denominada como marginal: desde aquela coadunada com a contracultura de 1970 às vozes periféricas atuais. A potência da literatura feita nas margens, na resistência e na reexistência foi mote para diversos trabalhos, em suas variadas linguagens, temas, meios e contextos. O termo literatura marginal nasceu por volta de 1970, conhecida também como poesia independente ou geração mimeógrafo, em função dos meios diferenciados de produção e de difusão de suas mensagens que caminhavam na contramão dos ditames *mainstream*. Tais produções foram denominadas também como “contraculturais” e “independentes” e se caracterizaram pelo aspecto não mercantil de sua produção, atingindo uma pequena parcela juvenil brasileira que se identificou com suas propostas. Seus produtores, jovens advindos da classe média, produziram uma poesia em que a resistência se deu como tema e processo inerente à escrita, modulados por meios alternativos de comunicação (comumente, impressos de cunho artesanal). Esta literatura ofereceu novos significados à política e à estética - ganhando outras conotações no final da década de 1980, tornando-se um manifesto de vozes à margem, excluídas socialmente, correlacionadas com a chamada literatura periférica.

De qualquer forma, esses atos de resistência proferidos e materializados pela palavra escrita e ouvida contribuem de modo substancial para transformações progressivas e radicais no seio das estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais fortemente opressivas. A própria literatura, em simultâneo com o ato de resistir e existir, pode ser considerada como uma mudança social progressiva e silenciosa. Desse modo, estas mudanças fulcrais e frequentemente desejadas, incentivam formas de *existência* e de *reexistência* nas sociedades contemporâneas, aspecto esse tanto ou mais evidente no Sul Global. A própria literatura marginal evidencia que a cultura possui faces ocultas, bem como se assume como plataforma que confere um palco aos protagonistas *invisíveis*. Evidencia que os conteúdos culturais e os estilos juvenis – frequentemente relacionados com as lógicas contra e subculturais – são mais do que um mercado *underground* (GUERRA, 2019a), um desvio ou uma oposição à literatura *mainstream*. Afirmamos, com os textos apresentados neste dossiê, que esses produtos culturais literários marginais podem – e devem – ser lidos partindo de uma lente que os insira no âmbito de um escopo simbólico de formas de existir e de *fazer* e *ser* resistência. Já nos dizia Gilroy (1987) que a resistência deve ser tida como

um elemento híbrido, plural e contraditório, produto da evolução das culturas populares. Mais ainda, a literatura pode ser vista como a faceta sensível da cultura no sentido em que esta não se assume como unitária ou homogênea. Esta literatura periférica é um todo sincrético que pinta as paisagens culturais da resistência. Com este dossiê, pretendemos dar a conhecer novas estratégias e novos conteúdos analíticos e empíricos. Podemos dizer que estamos perante diferentes formas de expressão, bem como de discussão, daquelas que são as relações existentes entre literatura, resistência, reexistência e consumo. Próximos de uma sociologia da literatura que se estende por múltiplos objetivos, tornando difícil a sua definição dentro de um campo coerente, tornando-a um *espaço de todos e de ninguém* (GUERRA, 2019b).

Este dossiê inicia-se com a entrevista feita a Heloísa Buarque de Hollanda e Francisco Topa, procurando oferecer uma perspectiva sobre as duas vertentes que já abordamos: a primeira, referente ao percurso de uma escritora de relevo no seio da literatura marginal; a segunda prende-se com a voz de um pesquisador de literatura brasileira. Encontramo-nos perante duas perspectivas complementares que nos oferecem *insights* sobre a literatura marginal. Por um lado, conhecemos suas vertentes, isto é, o entendimento desta literatura enquanto uma ramificação das correntes contraculturais; por outro, essas reflexões nos proporcionam um enquadramento sobre a gênese desse gênero literário. Partindo destas duas perspectivas, torna-se possível entender que atualmente a literatura marginal ocupa um lugar de destaque junto das populações marginais, mas não só. Em seguida, Hector Rodrigues Feltrin, com o artigo *Poesia em Podcast*, foca-se no poema “Águas de Kalunga”, que foi escrito por Conceição Evaristo e performatizado por Elisa Lucinda. Com esse poema procura-se evidenciar os modos como a literatura retrata modos de vida, diferenças, mas também as memórias coletivas e afetivas. Tal como já nos referimos, a palavra na sua forma escrita e ouvida, com esse trabalho, ganha vida através da performance, demonstrando que o uso do corpo também pode ser encarado como um instrumento de afirmação e articulação com processos intersubjetivos. Com Hector Rodrigues Feltrin mergulhamos num mundo em que as materialidades, as possibilidades e as impossibilidades de linguagem ganham vida, partindo da performance poética da oralidade.

Renan Nuernberger, em *Ver (ou/vir) Torquato Neto*, apresenta duas versões distintas do poema “vir ver ou/vir”, em termos analíticos, da poesia de Torquato Neto com o intuito de demonstrar a singularidade da poesia brasileira nos anos 1970. Na análise, que é apresentada pelo autor, encontramos perante um vislumbre da visualidade desse poema, ao mesmo tempo que obtemos o mote para termos uma visão aprofundada da poesia brasileira, bem como dos impasses estéticos e políticos que foram vividos pelo autor durante a sua geração. Esse texto fornece-nos um conjunto de possibilidades criativas no âmago da cultura de massas. Andréa Catrópa da Silva, com a sua pesquisa intitulada *Popcretos e a ressemantização icônica da poesia*, vem conferir destaque à poesia paulistana dentro do contexto cultural vivido nos anos 60. É dentro desse contexto temporal que a literatura acaba por assumir uma posição

social, sendo que a autora pretende demonstrar todas as transformações decorrentes no meio cultural brasileiro. O seu objeto de estudo são os *popcretos* de Augusto de Campos, uma vez que o escritor evidencia um diálogo diacrônico e sincrônico com o contexto temporal que é por ele vivido, ao mesmo tempo que destaca algumas das características que pautavam os campos literários e artísticos no início do século XXI, e finais do século XX. Mantendo como temática a literatura marginal e a sua relação com a temporalidade, surge a pesquisa de Poliane Bernabe Leonardeli, intitulada *A poesia popular e os signos religiosos: a arte e criticidade na poesia popular de patativa*. No seguimento do artigo de Andréa, sobre uma etapa vivida pela cultura brasileira, emerge o trabalho de Poliane sobre Antônio Gonçalves da Silva, o *Patativa do Assaré*. Esse escritor foi o pioneiro na utilização da cultura popular nordestina, enquanto elemento congregador de aspetos relacionados com a formação de uma identidade coletiva, a sertaneja. Assim, esta autora vem demonstrar as potencialidades dos escritores enquanto fomentadores de uma noção de comunidade e de coletivo. Inscrevendo-se, no contexto nordestino, os signos religiosos também tornam-se referenciais da cultura popular.

É por demais sabido que a literatura periférica permanece intimamente relacionada com a dimensão da resistência. As periferias são, frequentemente, o símbolo das margens, do *obscuro*. Partindo desta premissa, introduzimos a relevância da literatura marginal. Tal como nos referem Fernando Juarez de Cardoso e Ana Maria Bueno Accorsi em *O marginal na formação do leitor*, esta corrente literária surgiu nos anos 2000, com o intuito de encetar na busca pela legitimação fora dos padrões literários canônicos. Com esse artigo, os autores oferecem contributos para a percepção sobre a importância da diversificação de conteúdos, bem como para a relevância da introdução, por via da inclusão, de temáticas culturais periféricas e, conseqüentemente, perspetivar em que sentido esse tipo de adoção e de estratégias literárias possuem um impacto nos públicos. Temos também Lisiani Coelho e Alfeu Sparemberger, com o artigo *Geovani Martins e a “Dialética da Marginalidade”. Uma análise dos contos “Rolézim” e “Espiral”*. Esses contos “Rolézim” e “Espiral”, que se encontram publicados no seu livro *O sol na cabeça*, de 2008, são analisados à luz de uma dialética da marginalidade. Esses contos de Geovani buscam modelar todas as antíteses que pautam as desigualdades sociais vividas na sociedade brasileira, dando conta de uma “guerra simbólica”. Paula Guerra com o seu trabalho sobre A. Dasilva O. designado *A margem é onde tudo começa e onde tudo acaba*. *A. Dasilva O. fala ao país pela Rádio Caos*, demonstra a abertura da cidade do Porto às mudanças culturais durante os anos 1980. A resistência, nesse artigo, é entendida pelo lema “pelo direito à diferença”. É dentro desse panorama que surge Antônio da Silva Oliveira (A. Dasilva O., 1985) enquanto figura central dentro dos mais diversos domínios da intervenção cultural. Esse é um artigo que conjuga as ideias de resistência, de intervenção e do *underground*. Simultaneamente, a autora contempla-nos com um vislumbre da sociedade portuguesa da época que ficou marcada pela *viragem livresca*, com o surgimento de culturas alternativas que tinham como palco os cafés.

Rosselane Liz Giordani, com *Representações marginais na escrita de João Antônio: do malandro ao marginal*, aborda os significados que caracterizam os processos de marginalização e de exclusão social que se intensificaram com o crescimento do capitalismo na América Latina. É dentro desse contexto que emerge a importância da crítica literária. Rosselane procura introduzir a ideia de que essas produções literárias e artísticas visam ao rompimento com as noções tradicionais sobre a marginalidade. A autora apresenta, assim, um recorte das obras do escritor João Antônio, percebendo as formas como esse aborda a marginalidade e os *submundos*. Ainda dentro da temática da resistência e da marginalidade, vamos ao encontro de Francinaldo Pereira da Silva e de Lucélia de Sousa Almeida, com *Resistência em campo de batalha: a vida dos marginalizados em Capão Pecado*. Esse artigo, centrado na obra de *Capão Pecado*, propõe reflexões culturais sobre os modos como as relações culturais constituem diálogos conflituosos. Dentro do seio literário, os autores pretendem evidenciar os modos como a obra aborda a resistência das culturas periféricas, combatendo os fatores externos às comunidades. Enredamos por uma viagem que começa na resistência e termina com a massificação cultural. É durante esta viagem que os autores demonstram como a literatura marginal tem vindo a reivindicar um espaço de destaque dentro das produções literárias, tornando possível dar voz à população excluídas e marginalizadas. A literatura marginal é sinônimo de luta contra a condição periférica.

Livia Santos de Souza e Anaxsuell Fernando Silva, com o artigo *Políticas de vida nas margens: resistência e reexistência ante as desigualdades e o racismo nada cordial das cenas urbanas brasileiras*, vem abrir uma discussão sobre os modos literários da resistência face às desigualdades sociais. Ao analisarem as produções de Geovani Martins e Ferrez, é aferido que esses autores exploram uma literatura do cotidiano de desigualdades e de racismo, vividos e sentidos pelos jovens periféricos. Assim, a literatura assume a capacidade de evocar categorias de análise e modos de leitura sobre a sociedade, escapando a uma mera tendência ou gosto estético. Assim, o próprio ato de escrever é resistir. O trabalho de Thales de Medeiros Ribeiro, com *A poesia dos presos políticos*, assume-se como uma ode à resistência levada a cabo face à ditadura civil-militar brasileira, no sentido em que a poesia dos ex-presos políticos ainda ocupa um lugar marginal nos campos bibliográficos e nos estudos críticos feitos sobre a produção literária. Esse texto coloca-nos em contato com expressões como *poesia de cárcere* e *poesia de presos*, ao mesmo tempo que dá conta da multiplicidade e heterogeneidade que pautam esse gênero literário. Aqui, os discursos assumem o lugar de protagonistas, tratando-se de relatos e testemunhos. Estamos perante um gênero literário que desperta o nosso interesse e curiosidade sobre outros tipos de *margens* e de *frangas* invisíveis da população. Um submundo da cultura e da sociedade brasileira.

Leandro de Oliveira Lopes e Jaqueline Ferreira Borges, em *A estratificação social brasileira como estética literária*, tratam a violência simbólica que é vivida por Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra oriunda de uma favela do Brasil, que escreveu a rotina dos oprimidos no diário intitulado *Quarto de despejo*: diário

de uma favelada, entre 1955 e 1960. É com esse artigo que vemos espelhadas as (im)possibilidades dos grupos marginalizados e excluídos, contadas na primeira pessoa, mas também questões raciais que fazem um destino marcado pela miséria, pela violência e pela crueldade social. Uma vez mais, a literatura vem nos mostrar e revelar uma sociedade opressora e as vítimas de uma realidade que, à partida, é descurada. Seguindo a mesma linha de pensamento, encontramos pela nossa jornada literária, Elisa Hübner Alves e Alisson Preto Souza com o texto *Abandono social, injustiça e esquecimento*. Um estudo comparativo, sobre minorias, das obras *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, e *Essas Terras* (1976) de António Torres, que visa uma compreensão da opressão face às identidades nordestinas. Ambas as narrativas são analisadas do referencial das contraculturas, colocando questionamentos diversos sobre os sistemas e estruturas sociais vigentes no século XX. Estas obras demarcam-se pela denúncia do esquecimento das identidades culturais, mas também, da injustiça e do abandono.

Por fim, chegamos aos artigos que se inscrevem dentro de uma análise sobre o *slam*. O primeiro, de Izandra Alves e Bruna Souza, *O Slam como representação de literatura marginal e manifestação cultural na escola*, procura perspectivar como – em apenas 30 anos de existência – o *slam* se figurou como uma prática literária democrática e aberta a diversas manifestações culturais. As autoras aferem que esta prática teve o seu epicentro nos centros urbanos mas que, concomitantemente, se mantém como um exercício marginal e marginalizado. Desse modo, procura-se apresentar no artigo em questão novas conceptualizações e discussões em torno do gênero, no sentido em que se procura entender esta prática – junto dos jovens – como uma forma de empoderamento, de protagonismo e de (re)descoberta das intersubjetividades, fruto das temáticas do *slam*. Patrícia Pereira da Silva e Geane Valesca da Cunha Klein, com o artigo *Da palavra à estética, a periferia é poética!*, introduzem uma análise sobre três poemas da *slammer* Mel Duarte, em que relacionam a poesia marginal com as prática de resistência e de reexistência. Tal como a dicotomia entre margem e periferia, amplamente discutida, urgem discussões em torno da poesia falada/escrita. Partindo dos contributos de Mel Duarte, são apresentadas jovens poetisas trovadoras contemporâneas que transformam as narrativas invisíveis em arte-sujeito.

As organizadoras do dossiê,

Paula Guerra
Universidade do Porto (UP)

Maria Carolina de Godoy
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Patrícia Marcondes de Barros
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

REFERÊNCIAS

GILROY, Paul. *There ain't no black in the Union Jack: the cultural politics of race and nation*. London: Hutchinson, 1987.

GUERRA, Paula. Rádio Caos: resistência e experimentação cultural nos anos 1980 [Radio Caos: resistance and cultural experimentation in the 1980s]. *Análise Social*, Lisboa, v. 2, n. 231, p. 284-309, 2019a.

GUERRA, Paula. Quando a geografia afetiva e a cartografia sentimental se juntam. Uma leitura possível de Ulisses: entre o amor e a morte. In: MAURIZ LIMA, Márcia Edilene; TOPA, Francisco (Orgs.) *Ulisses entre o amor e a morte e seus vários temas*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2009b. p. 127-158.